

**Entrecruzamentos de histórias: Brasil/Canadá – as ressignificações
ficcionais sobre a inserção da mulher branca europeia na América
pelos programas *Órfãs d’el-rei* e *Les Filles du roi***

**Intersections of stories: Brazil/Canada – fictional ressignifyings of
the insertion of the white European women in America by the pro-
grams *Órfãs d’el-rei* and *Les Filles du roi***

Beatrice Uber¹
Gilmei Francisco Fleck²

Submetido em 23 de agosto e aprovado em 10 de outubro de 2021.

Resumo: Com base nos eventos históricos do programa de casamento *Órfãs d’el-rei*, colocado em prática pelo império português para suas colônias ultramarinas em desenvolvimento no “Novo Mundo”, os atuais Brasil e Índia, nos séculos XVI e XVII, e do programa *Les Filles du roi*, instituído pelo império francês para uma de suas colônias ultramarina, a Nova França, o atual Canadá, no século XVII, o presente estudo revisita os primórdios da colonização brasileira e canadense por meio das obras literárias *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, e *Bride of New France* ([2011] 2013), de Suzanne Desrochers. A partir da ótica feminina das protagonistas desses romances, Oribela do Mendo Curvo e Laure Beauséjour, buscamos apresentar uma análise comparativa sobre como se deu o processo de inserção dessas jovens destinadas ao casamento com colonizadores desconhecidos, cujo objetivo era unirem-se em matrimônio, serem boas mães e ótimas esposas, alavancando o processo populacional dessas colônias. Além disso, evidenciamos suas percepções desse “Novo Mundo”, que se estabelecia com base em normas da cultura branca cristã europeia, bem como o processo de adaptação nessas terras em desbravamento em consequência de seus matrimônios. Assim sendo, esse artigo destaca personagens marginalizadas dentro de romances híbridos de história e ficção com o intuito de visitar a história dessas jovens que se arriscaram em prol desses programas com o intuito de uma vida melhor. Por isso, contamos com o aporte teórico de Mata Induráin (1995), Márquez Rodríguez (1996), Sharpe ([1991] 2011), Fleck (2017), entre outros.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Literatura canadense. Romance histórico contemporâneo de mediação. *Desmundo* (1996). *Bride of New France* (2013).

Abstract: Based upon the historical events of the *Órfãs d’el-rei* marriage program put in place by the Portuguese empire for its developing overseas colonies in the "New World," present-day Brazil and India, in the sixteenth and seventeenth centuries, and the *Les Filles du roi*, instituted by the French Empire for one of its overseas colonies, New France, present-day Canada, in the seventeenth century, this study revisits the beginning of the Brazilian and Canadian colonization through the literary works *Desmundo* (1996), by

Ana Miranda, and *Bride of New France* ([2011] 2013), by Suzanne Desrochers. From the female perspective of the protagonists of these novels, Oribela do Mendo Curvo and Laure Beauséjour, we aim to present a comparative analysis on how the insertion process of these young women destined to marry unknown colonizers took place. In addition, we highlight their perceptions of this "New World", which was established based on the norms of white European Christian culture, as well as the adaptation process in these new lands as a result of their marriages. Therefore, this paper highlights marginalized characters within hybrid novels of history and fiction in order to revisit the history of these young women who ventured into these programs for the sake of a better life. In order to do that, we rely on the theoretical contributions of Mata Induráin (1995), Márquez Rodríguez (1996), Sharpe ([1991] 2011), Fleck (2017), among others.

Keywords: Brazilian Literature. Canadian Literature. Contemporary historical novel of mediation. *Desmundo* (1996). *Bride of New France* (2013).

Considerações iniciais: conexões historiográficas e fictícias

O início da colonização do “Novo Mundo” foi marcado pelo cunho da perspectiva masculina, em específico, a do navegador italiano Cristóvão Colombo que, em seu *Diário de Bordo*³, relatou o suposto “descobrimento” da nova terra, o encontro com os habitantes nativos que ali residiam e os hábitos desses. Assim que o processo colonizador foi posto em prática, a ótica da cultura europeia – o eurocentrismo⁴ – passou a reinar sobre aqueles que foram considerados inferiores. Consequentemente, destacaram-se e difundiram-se os conceitos hegemônicos daqueles que se julgavam os detentores do poder econômico, cultural e social: os do homem branco cristão.

Os principais princípios dessa colonização europeia, segundo Mignolo (2017), basearam-se no ato de salvar almas por meio da conversão ao cristianismo, controlar as mentes daqueles que não eram europeus com o objetivo de civilizá-los e os administrar, bem como se tornar dominante nesse mercado de corporações. Logo, os ideais que permaneceram foram os de “retórica da salvação e lógica do controle” (MIGNOLO, 2017, p. 8). Os europeus que se aventuraram no ato de conquistar as terras do “Novo Mundo” buscaram impor, a todo e qualquer custo, seus conceitos de cultura, fosse ela econômica, política ou cultural.

Todavia, nesse processo de posse de domínio de terras e de implementação cultural, as mulheres foram relegadas à margem e visualizadas como pessoas secundárias e, por isso, elas tiveram seus pontos de vistas excluídos dos grandes acontecimentos da história tradicional.

Em territórios marcados pela constante presença do ato do fazer masculino, a ajuda feminina era considerada irrelevante. Contudo, os colonizadores de casta mais elevada – aqueles que deixaram a sua terra natal para se aventurarem em busca de uma situação melhor e vivendo em condições um tanto precárias no “Novo Mundo” –, desejavam regressar a seu país de origem, local de maior conforto onde já existia uma sociedade estruturada nos moldes em que buscavam fundar uma nas colônias. Para evitar o abandono das novas terras que os grandes impérios, portugueses, espanhóis, ingleses e franceses, tentavam colonizar, buscaram-se soluções no ato de fazer com que esses desbravadores – aqueles de casta mais alta e não os degredados e marginalizados – criassem raízes nesses territórios.

Ao considerar tal ideia, o império português colocou em prática o programa de casamento *Órfãs d’el-rei* (COSTA, 1946; GARCIA, 1946; ALMEIDA, 2003; e RAMOS, 2007), também conhecido como *Órfãs da rainha*. De acordo com o estudo de Almeida (2003), a intenção do império português era enviar moças, órfãs de pai e mãe, mas de um casamento católico legítimo, sem raça moura, jovens, saudáveis e em idade de procriação à colônia brasileira. Essas jovens foram amparadas pela Rainha Catarina e destinadas ao Brasil, em meados do século XVI, com o propósito de separar os colonizadores das uniões ilegítimas com as mulheres nativas da terra, de gerar filhos de pele alva para Portugal e de difundir o lema de “unidade e pureza” (SANTIAGO, 2000), bem como de fortalecer o processo de desbravamento daquelas terras.

A ideia inicial partiu do Padre Manuel da Nobrega que, no ano de 1552, escreveu ao Rei D. João, requisitando mulheres porque a terra era vasta e precisava ser povoada. Ele acreditava que a força de uma família sustentaria a formação de uma nova nação:

Já que escrevi a Vossa Alteza a falta que nesta terra ha de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos pecados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas órfãs, e si não houver muitas,

venham de mistura delas e quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem à terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-hão do peccado. (Nobrega, [1552] 1931, p. 133).

Uma vez que estava claro a falta e a necessidade de mulheres brancas, de origem cristã, para viver em nome do Senhor, o governo português angariou órfãs que estavam sob a sua tutela e as enviou para suas colônias em desenvolvimento no “Novo Mundo”, e, especificamente, no Brasil, elas aportaram na região da Bahia. Ramos (2007) menciona que a idade preferencial era entre 14 e 17 anos e que poucas tinham mais de 18 anos. Esse autor assevera que o maior contingente de órfãs foi enviado às colônias ultramarinas portuguesas por volta de 1560, “mas não deve ter excedido a duas ou três vezes por ano, visando, somente, às necessidades dos homens solteiros da baixa nobreza aí estabelecidos.” (RAMOS, 2007, p. 33).

Segundo os apontamentos de Garcia (1946, p. 137), “quasi todas, ou mesmo todas, alcançaram o que desejavam, porque vinham dotadas, ou com promessas de dotes a quem as tomasse por esposas. Foram dêsse modo troncos de numerosas famílias brasileiras [...]” Aparentemente, perante o discurso historiográfico tradicional, esse foi um programa que favoreceu não só as órfãs como, também, o processo de colonização de Portugal em terras brasileiras.

Tal propósito foi, do mesmo modo, instituído pelo império francês para a Nova França, o atual Canadá, em meados do século XVII, especificamente entre 1663 e 1673. O Rei Luís XIV enviou cerca de oitocentas mulheres por meio do programa *Les Filles du roi*⁵ (RUNYAN, 2010; ZUG, 2016), para desposar colonizadores de casta mais elevada e aqueles trabalhadores que estavam sob o vínculo trabalhista de contrato, os chamados *indentured servants*, com o propósito de que eles permanecessem na terra a ser colonizada. Ademais, além de ajudar esses homens a fixarem raízes na colônia em desenvolvimento, essas mulheres deveriam gerar inúmeros filhos dentro do laço matrimonial com o objetivo de ajudar a nova colônia a prosperar em número populacional.

Conforme Zug (2016), o governo francês defendia que esse programa promoveria uma maior imigração feminina de mulheres solteiras e algumas das formas de incentivo ofertadas pela monarquia eram ter a viagem custeada pelo rei, trazer consigo um dote

cujo valor variava entre 50 e 100 *livres* e um enxoval com itens pessoais. Além disso, essas *Filles du roi* poderiam escolher seus maridos. Contudo, Zug (2016) menciona que se esperava delas algumas características: estar em idade de procriação, ser saudável, ser atraente e saber realizar os afazeres domésticos.

Consequentemente, muitas jovens sentiram-se exaltadas com a oportunidade, pois Runyan (2010) explica que as *Filles du roi* nem sempre vieram de famílias abastadas. Acerca de suas origens, a autora menciona que muitas delas vieram da instituição conhecida como *Salpêtrière Hospital*, local que abrigava órfãos, marginalizados e indigentes. Outras vinham do campo e eram muito bem requisitadas porque já estavam acostumadas com o trabalho árduo. Numa menor quantidade, havia as da nobreza de classe mais baixa, conhecidas como *petite robe*, e que eram enviadas para se casar com homens de postos mais elevados.

Uma das soluções para o problema do crescimento populacional, definitivamente, foi a ajuda dessa imigração feminina, que conseguiu “remediar o desequilíbrio entre os sexos existente na Nova França,” (BERTONHA, 2021, p. 43). Na opinião de Bertonha (2021, p. 43), “os resultados foram finalmente positivos, pois a população da nova França cresceu para 25 mil pessoas nas primeiras décadas do século XVIII, chegando a 80 mil em 1763.” O programa de casamento alcançou, em larga escala, aquilo que desejava: gerar inúmeros habitantes para a colônia em desenvolvimento.

Essa temática sobre as vivências dessas mulheres, as *Órfãs d’el-rei* e as *Filles du roi*, despertou na literatura o interesse de rever suas experiências e reavivar a memória coletiva a respeito desses programas monárquicos de inserção da mulher branca na América. Prontamente, a ficção quebra barreiras disciplinares e transporta para o campo literário narrativas que apresentam perspectivas questionadoras do viés estabelecido na historiografia pela cultura europeia hegemônica.

Assim, nesse processo interseccional entre o discurso histórico e o literário, apresentam-se narrativas híbridas de história e ficção – os romances históricos que, segundo uma breve definição de Mata Induráin (1995, p. 16), “*sitúan sua acción (ficticia, inventada) en un pasado (real, histórico) más o menos lejano [y] debe reconstruir, o al menos intentar reconstruir, la época en que sitúa su acción [...]*.”⁶⁹ Além disso, esse autor

explica que na elaboração de um romance histórico “*todo ese elemento histórico es lo adjetivo, y que lo sustantivo es la novela.*” (MATA INDURÁIN, 1995, p. 18).

Em relação às temáticas estabelecidas por esse gênero literário, atentamos para o fato de que muitos romances históricos evidenciam narrativas de cunho apologético em relação aos eventos, às personagens e às épocas passadas, outras optam pela desconstrução e ressignificação dos acontecimentos, guiando seu público leitor para um questionamento a respeito do teor dos registros históricos sobre os mesmos; e, não menos importante, algumas obras apresentam uma mediação entre esses dois estilos de escrita. A classificação estabelecida por Fleck⁸ (2017), por exemplo, divide os romances híbridos de história e ficção em três fases, as quais abarcam cinco categorias.

A primeira fase denomina-se acrítica e está composta por duas modalidades: os romances históricos clássicos – cuja modalidade difundida por Walter Scott angariou seguidores em diversos países, como Itália, França, Alemanha entre outros, segundo Alonso (1984)–; e o romance histórico tradicional, modalidade cujas características foram aprofundadas nos estudos de Fleck (2017). A primeira teve sua produção consolidada a partir de 1814/19 e persistiu até meados do século XX, enquanto a segunda floresceu já no período do Romantismo europeu e se mantém até os dias atuais. Essas são modalidades que, basicamente, primam pelo ato de renarrativizar um evento histórico na ficção, mas de maneira exaltadora, evidenciando um modelo de herói que serve de exemplo aos demais, seguindo, assim, o discurso hegemônico da história tradicional que já havia, anteriormente, consagrado a personagem e suas ações.

Na primeira dessas modalidades, o romance histórico clássico scottiano, Márquez Rodríguez ([1991] 1996) aponta que as personagens protagonistas são puramente ficcionais e consideradas cidadãos comuns, mas que elas se enfrentam por conta de um caso amoroso que pode revelar tanto um final feliz como trágico. O período histórico e as personagens de extração histórica⁹ na qual a diegese se desenvolve serve como um pano de fundo no romance histórico clássico e o relato do caso amoroso ficcional vigora em primeiro plano.

Já na modalidade do romance histórico tradicional, o “evento histórico e seus protagonistas focalizados na narrativa ficcional constituem o eixo único do romance.”

(FLECK, 2017, p. 50). Aquele pano de fundo histórico desaparece e toda a narrativa faz parte do mesmo plano diegético. Embora a ideologia de apresentar uma temática que comungue com a historiografia tradicional permaneça e a linearidade narrativa também continue a mesma, Fleck (2017) menciona que a perspectiva dessas obras está ancorada, geralmente, num narrador em primeira pessoa, cuja visão pode ser homodiegética ou autodiegética (GENETTE, s/d). Adicionando-se a isso, Fleck (2017) propõe que esse tipo de obra divulga um didatismo acentuado no qual busca-se ensinar a história tradicional ao leitor.

A segunda fase denomina-se crítica/desconstrucionista e contempla duas modalidades igualmente: o novo romance histórico latino-americano, estudado por Aínsa (1991) e Menton (1993), cuja produção literária solidifica-se a partir de 1949 e perdura até hoje; e a metaficção historiográfica, difundida por Hutcheon (1991), cuja produção passou a ser mais usual e constante na pós-modernidade.

Na primeira modalidade dessa segunda fase, encontramos ressignificações críticas de certos períodos históricos, cuja releitura é feita de maneira paródica, com distorção consciente da história e permeada pelo uso de exageros, omissões e anacronismos. Nessas obras, ocorre a ficcionalização de personagens históricas bem conhecidas, comentários do narrador e/ou autor sobre o processo de criação da obra, intertextualidade e são empregados os recursos escriturais vinculados aos conceitos bakhtinianos, como dialogia, carnavalização, paródia e heteroglossia (MENTON, 1993).

Na segunda modalidade da fase crítica/desconstrucionista, temos romances nos quais Hutcheon (1980) afirma que ocorre uma representação ficcional autoconsciente em que, ao se reescrever o passado no presente, reorganiza-se o nível de informação difundida pela história oficializada por meio de questionamentos autorreflexivos que podem acontecer tanto por parte do narrador da obra como do autor implícito ou ficcionalizado inseridos na obra. Conseqüentemente, o autor “arrasta” o leitor para dentro da obra e faz com que ele se torne, também, um agente que pode expressar suas perspectivas frente a um discurso que evidencia a manipulação da linguagem. Além disso, Hutcheon (1991) explana que os protagonistas das metaficções historiográficas são personagens marginalizados, ex-cêntricos e figuras periféricas da narrativa fictícia

que tomam conta da narrativa enquanto as personagens históricas são relegadas a um papel secundário. Por fim, nesse processo de assimilar o discurso histórico ao ficcional, “a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico” (HUTCHEON, 1991, p. 152) e traz à baila versões questionadoras e atualizadas sobre os acontecimentos históricos.

A terceira fase chama-se crítica/mediadora e abarca apenas uma modalidade: o romance histórico contemporâneo de mediação, estudado e difundido por Fleck (2007, 2011, 2017). Sua produção passa a vigorar desde o final da década de 1970 até os dias atuais e se observa, dentro dessa modalidade, uma mescla de algumas características das duas fases previamente mencionadas. Essa modalidade apresenta seis características fundamentais que, de acordo com Fleck (2017, p. 109-111), são: a releitura crítica verossímil do passado histórico; uma narrativa fictícia linear do evento histórico recriado; o foco narrativo centrado em personagens marginalizados e ex-cêntricas; a presença de um vocabulário simples e fluído, mas que pode ser arcaizado para ofertar maior verossimilhança ao tempo da narrativa; a inserção de recursos escriturais bakhtinianos como a paródia, a dialogia, a polifonia com presença de recursos intertextuais; e o emprego ameno de recursos metaficcionais ao longo do romance histórico.

Assim sendo, neste artigo, optamos por dar ênfase à análise de dois romances históricos contemporâneos de mediação porque eles não carregam consigo a necessidade de exaltação do acontecimento histórico, mas de o revisitar e o questionar. Consequentemente, nesse ato de indagação, a perspectiva da história “vista de cima” (SHARPE, [1991] 2011) é obrigada a dividir seu espaço com a da história “vista de baixo” (SHARPE, 2011).

Por isso, as construções romanescas Desmundo (1996), da brasileira Ana Miranda, e *Bride of New France* (2013), da canadense Suzanne Desrochers são consideradas obras que estabelecem um ponto de inflexão nas releituras do processo de inserção da mulher branca na América, no século XVI e XVII, pois ofertam perspectivas diferenciadas daquelas que foram difundidas pela história oficializada a partir de uma perspectiva hegemônica. Elas são, pois, o tópico que, a seguir, discutimos.

***Desmundo* (1996) e *Bride of New France* (2013): ressignificações dos programas de casamento *Órfãs d’el-rei* e *Les Filles du roi*, por meio da literatura brasileira e canadense**

O romance *Desmundo* (1996), da brasileira Ana Miranda, tem como temática principal a ótica feminina da protagonista Oribela do Mendo Curvo sobre os primeiros anos de colonização do Brasil. Na obra, essa personagem vem ao “Novo Mundo” para desposar um colonizador português, separá-lo das uniões ilegais com as mulheres nativas da terra e gerar filhos de pele alva, que deveriam crescer dentro da doutrina cristã.

A diegese se passa em meados do século XVI e as ações são narradas de forma linear conforme a perspectiva da personagem Oribela, que enuncia os acontecimentos em primeira pessoa. Essa jovem órfã, configurada como uma *Órfã d’el-rei*, relata sua viagem ao Brasil colônia, seu encontro com uma nova cultura, o matrimônio com a personagem de extração histórica Francisco de Albuquerque, seu processo de adaptação na terra em fase de desbravamento, suas duas tentativas frustradas de regressar ao seu país de origem – Portugal – e o caso amoroso com judeu convertido, Ximeno Dias.

Já o romance canadense *Bride of New France* (2013), de Suzanne Desrochers, revisita os primórdios da colonização canadense, em meados século XVII. Essa diegese toma forma por conta de um narrador heterodiegético, que reconta, de maneira linear, a história da jovem Laure Beauséjour, retratada como uma *Fille du roi*, e que também é configurada como protagonista do romance. Observamos que a configuração da vida dessa moça é exposta desde a sua estadia no *Salpêtriè Hospital*, passando-se pela árdua viagem marítima, enfatizando-se a sua chegada ao “Novo Mundo”, a escolha do marido, a vida nas florestas canadenses, a relação extraconjugal com o nativo Deskaheh e o falecimento do esposo.

Ambas as construções romanescas, ao seguir a linearidade cronológica dos eventos e fixando-se neles para que a narrativa possa progredir, deixam de lado as sobreposições temporais e anacronias exageradas do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica e se ajustam às peculiaridades dos romances históricos contemporâneos de mediação (Fleck, 2007, 2011, 2017).

A protagonista Oribela, do romance *Desmundo* (1996), quando desembarca na colônia em fundação, enxerga-se como uma órfã de grande valor, pois comungava da visão política do rei de Portugal, que queria “dar salvamento a esta terra” (MIRANDA, 1996, p. 22) e, como havia se guardado virgem para o seu esposo. Nessa perspectiva, ela concorda com a visão instituída pela Igreja Católica de que a mulher deveria pertencer a um único homem, o marido, “para o meu varão me guardei perfeita, ru, ru, menina, ru, ru, chegasse com o pé direito” (MIRANDA, 1996, p. 30). Além disso, o fato de ser observada pelas mulheres nativas da terra coloca-a em situação de exaltação: “de umas frestas das janelas se viam sombras escuras de gente nos espreitando, deviam ser as mulheres do lugar, tivessem birra de nós, lá de trás da casa, ó sol, feito umas galinhas chocas.” (MIRANDA, 1996, p. 35). Todavia, sua percepção do “Novo Mundo” é transformada ao relembrar que o local não passava de

[...] umas povoações não fortificadas, não podendo resistir a afrontas, vivendo os moradores tão atemorizados que deixavam suas coisas metidas em sacos para correrem ao mato à vista de qualquer vela, ou para o mar ao grito de um bugre, aldeias e vilas que mas supunha onde se podia acabar, mais embaixo, um rio só de pratarias e de gente castelhana que se ajuntava a selvagens e corria mundo, matando, assacando, sem medo de abismos nem dos gigantes que lá viviam metidos em roupas de ciganos. (MIRANDA, 1996 p. 19).

Ao contrário dos hábitos com os quais a personagem Oribela estava acostumada na metrópole colonizadora, ela se deparou com cenas que lhe causaram horrores porque se deu conta de que os colonizadores já estavam enraizados com costumes degradantes, conforme seu relato:

[...] homens bons vieram com umas negras naturais da terra e que ficaram de fora da porta, não deixou o padre entrar nenhuma delas, ficaram nos calcanhares, assoprando fumaça de uns canudinhos, falando numa língua brava e rindo. Aquelas eram amancebadas de cristãos e de padres, que quando delas se cansavam as vendiam aos vizinhos que as desejavam e assim se faziam mercas de fêmeas. (MIRANDA, 1996, p. 70).

Consequentemente, aquele viés enaltecedor de *Órfã d’el-rei* é deixado de lado porque ela se encontra vivendo num lugar que seria o fim do mundo para ela, isto é,

o *desmundo*. Ela não só enxerga como compreende que, naquela terra, a mistura de raças, credos e costumes não leva em consideração os hábitos eurocêtricos. Até os representantes religiosos usufruíam das mulheres da terra e, assim, a cultura de seguir os preceitos da Igreja Católica era algo visto sob outras óticas. O seu processo de inserção no contexto colonial ocorre de maneira diferente daquela imaginada por ela, que se sente confusa por não saber como lidar com as ações daquela gente.

Essa mesma perspectiva de desilusão também ocorre no romance *Bride of New France* (2013), pois a protagonista, Laure, já é apresentada a uma visão da Nova França, o atual Canadá, ainda em sua terra de origem, quando vai até um hospital visitar a amiga Mireille e, a enfermeira, que havia cuidado dessa jovem antes de falecer, comenta-lhe: “*Canada? Well, it’s just as well she died, then. [...] Terrible. Just because we don’t know what to do with them here doesn’t mean they deserve to be sent over there to freeze in the forest.*”¹⁰ (DESROCHERS, 2013, p. 32).

Todavia, a personagem protagonista do romance segue para o Canadá como forma de melhorar sua vida, conseguir um casamento e ajudar a colônia a prosperar. Assim, num lugar onde há poucas mulheres, Laure pode escolher seu próprio marido. A viagem de navio, custeada pelo Rei Luís XIV, dura meses, e, por isso, a comida e a água são racionadas. As mulheres que embarcam estão sujeitas aos escárnios dos marinheiros, pois, conforme Ramos (2007), a mulher em embarcações marítimas era considerada um símbolo de má sorte.

Ao desembarcar em terras canadenses, Laure, configurada como uma *fille du roi*, aprende que o povo nativo da região era temido porque “*they attack by surprise in the forest, scalp their victims, and torture even the women and children they capture*”¹¹ (DESROCHERS, 2013, p. 124) e que os homens franceses “*are desperate to leave the colony. The men are held back from boarding by the ship’s guards, and some fighting ensues.*”¹² (DESROCHERS, 2013, p. 127). Dessa forma, a nova colônia mostra-se como um lugar sempre suscetível aos ataques dos habitantes nativos da terra e que, talvez, a proteção francesa fosse insuficiente para que ela cumprisse seu designado papel. Ademais, o fato de os homens pretenderem regressar a qualquer custo para a França, deixa claro que o lugar ofertado a se viver não era tão acolhedor como se esperava.

Essas duas perspectivas do “Novo Mundo”, tanto a brasileira como a canadense, assustam as protagonistas dos romances, pois elas sabem que retornar ao “Velho Mundo” era, praticamente, impossível, embora houvesse tentativas para isso. Nesse processo de visualizar, constatar e apresentar uma versão diferenciada daquela difundida pela historiografia tradicional, as personagens Oribela e Laure veiculam “uma releitura crítica do passado, diferentemente das narrativas tradicionais, que ainda seguem, em boa parte, os parâmetros dos cânones europeus” (FLECK, 2017, p. 109). Essa característica também faz parte do romance histórico contemporâneo de mediação, que contesta a visão pré-estabelecida exaltadora sem desconstruir de maneira carnavalizada ou grotesca, mas de uma forma mediadora, isto é, por meio de uma criticidade argumentativa ancorada em visões de personagens relegadas às margens da historiografia tradicional.

Em um dos primeiros momentos da chegada da jovem Oribela, ela depara-se com “o Outro”, que “significa a alteridade radical não reduzida a qualquer identificação imaginária ou subjetiva” (BONNICI, 2007, p. 195). Uma mulher nativa da terra, ao aparecer desnuda frente à protagonista, a faz abrir os olhos para o seu próprio corpo – tão ocultado pelos conceitos difundidos pela ideologia patriarcal e pela fé cristã. Segundo seu relato, ela se sentiu uma outra pessoa:

Por meus brios e horrores, não despreguei os olhares das naturais, sem defeitos de natureza que lhes pudessem pôr e os cabelos da cabeça como se forrados de martas, não pude deixar de levar o olhar a suas **vergonhas** em cima, como embaixo, a ver em um espelho. Nunca fora dito haver mulheres assim, nem pudera inventar em minhas ignorâncias. (MIRANDA, 1996, p. 39 – grifo nosso).

Esse trecho do romance brasileiro, híbrido de história e ficção, remete-nos ao termo “vergonhas”, usado pelo português Pero Vaz de Caminha, em seu relato de “descobrimento” do Brasil, quando mencionou o local com o qual se deparou, bem como seus povos e costumes. Em um trecho da carta, o navegador relata:

E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima, daquela tintura; e certamente era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha – que ela não tinha! – tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tal feições, provocaria vergonha, por não terem as suas como a dela. (CAMINHA [1500] apud CASTRO, 2008, p. 96-97).

A menção do termo “vergonha” indica a presença da estratégia da intertextualidade que, conforme Samoyault ([2001] 2008), seria a inserção de um texto dentro de outro e, conseqüentemente, “o texto aparece então como o lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que ele retribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores.” (SAMOYAULT, 2008, p. 18). A ficção passa a fazer uso de um relato histórico para fundamentar um ponto de grande importância dentro do tecido narrativo fictício e, assim, trazer conhecimento para uma personagem feminina.

Já no romance canadense, umas das intertextualidades presentes na obra é trazida à tona no desembarque das jovens retratadas como as *Filles du roi*. Elas são recepcionadas com o *Te Deum*, uma música em forma de salmo antigo que exalta a vinda dessas mulheres corajosas: “*Te Martyrum candidatus laudat exercitus. Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia.*”¹³ (DESROCHERS, 2013, p. 151). De maneira geral, tanto o grupo de homens presentes quanto esse exército celestial enobrecem a árdua tarefa das *Filles du roi*: sair de sua terra natal para se casarem com colonizadores desconhecidos, ajudar a povoar o país e desenvolver uma nova terra.

Em *Bride of New France* (2013), o encontro com os povos nativos Iroqueses e Algonquinos ocorre por meio do jovem chamado Deskaheh, que mantém uma relação de proximidade com a protagonista da obra, Laure. Ela é, então, apresentada a um outro mundo. Conforme a personagem feminina se aproxima desse habitante nativo da região, ela observa que as regras do povo dele são mais liberais que as do povo francês, por exemplo, “*French men prefer the Savage girls over their own women. These girls give their bodies freely and expect nothing in return.*”¹⁴ (DESROCHERS, 2013, p. 231). Logo, a protagonista reconhece que seu trabalho naquela terra seria árduo porque os homens, retratados como bravos colonizadores franceses, não desejam se afastar da sedução corporal ofertada por essas moças nativas, em contrapartida bastante diferente daquela pregada pela cultura europeia dominante no século XVII.

Assim sendo, o ponto intertextual da obra abre precedente para mais uma característica do romance histórico contemporâneo de mediação que “aproveita-se, também, de recursos escriturais bakhtinianos como a dialogia, a polifonia, as intertextualidades, além é claro da paródia.” (FLECK, 2017, p. 111). Ocorre a presença

do recurso intertextual e um embate dialógico nesse relato ficcional, que fica exposto ao evidenciar o contraste das perspectivas da cultura europeia dentro do discurso de Laure e daquele apresentado pela cultura nativa em relação ao uso do corpo da mulher.

Todo esse processo de chegada e adaptação ao “Novo Mundo” é elaborado por uma perspectiva da história “vista de baixo” (SHARPE, 2011). Tanto em *Desmundo* (1996) como em *Bride of New France* (2013) são as óticas femininas, relegadas à margem, que ressignificam o passado colonial, revisitam o processo de inserção e de adaptação das *Órfãs d’el-rei* e *Filles du roi*, bem como seus acontecimentos na terra a ser colonizada. De acordo com Sharpe (2011), essa perspectiva marginal e excluída é de vital importância porque ela proporciona “um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento de sua história.” (SHARPE, 2011, p. 60). Outrossim, “a história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas de que temos um passado, de que viemos de algum lugar.” (SHARPE, 2011, p. 63).

Ao estabelecer uma conexão com os romances em estudo, *Desmundo* (1996) e *Bride of New France* (2013), atentamos para o fato de que a ótica dessas obras conecta-se com outra característica do romance histórico contemporâneo de mediação em que o foco narrativo desses romances está ancorado nessa premissa da história “vista de baixo” (SHARPE, 2011), pois “privilegia visões a partir das margens, sem se centrar em grandes personagens da história como o fazem muitos novos romances históricos e algumas metaficcões historiográficas.” (FLECK, 2017, p. 110). São as perspectivas de mulheres marginalizadas, mas que, ao serem retratadas dentro da literatura, propiciam um outro panorama dos programas de casamento, desenvolvidos pelo império português e francês, e do processo de colonização americano. As grandes figuras históricas não relatam sobre os acontecimentos com as mulheres que cruzaram o oceano para serem esposas de colonizadores desconhecidos, pois elas mesmo fazem sua narrativa acontecer e vir à tona pela ficção híbrida.

Essa modalidade de construção híbrida de história e ficção, o romance histórico contemporâneo de mediação (Fleck, 2017), distingue-se pelo fato de não desmistificar os grandes heróis apresentados na historiografia, uma vez que aposta em pontos de vistas

periféricos que não são mais cimentados pelo discurso historiográfico tradicional, mas que conseguem validar suas perspectivas nos dias de hoje, ancorando-se num ato de ressignificação do passado pelo emprego da linguagem, imbuída de outras ideologias e intenções, valendo-se, para isso, da verossimilhança.

Conforme a narrativa brasileira se desenvolve, o processo de adaptação da protagonista, Oribela, ocorre de maneira inversa. Ao invés dela implementar os seus costumes no seu novo ambiente, ela recebe os dos habitantes nativos em maior quantidade, deixando de lado seu status exaltado de *Órfã d’el-rei*, como, por exemplo, no seguinte trecho: “aprendi os fumos de naturais, que me deixavam pasmada e sonhadora, sem ver o correr dos dias, [...]. Aprendi a me desnudar, no quarto, após o banho, que havia frescor sobre a pele e se entrenhando nela [...]” (MIRANDA, 1996, p. 126). Para essa personagem, puramente fictícia, ocorre um processo de “transculturização” (RAMA, 2008). Tal conceito, elaborado por Fernando Ortiz, mas desenvolvido por Ángel Rama, deve ser observado a partir de três pontos:

*Implica en primer término una “parcial desculturación” que puede alcanzar diversos grados y afectar variadas zonas tanto de la cultura como del ejercicio literario, aunque acarreado siempre pérdida de componentes considerados obsoletos. En segundo término implica incorporaciones procedentes de la cultura externa y en tercero un esfuerzo de recomposición manejando los elementos supervivientes de la cultura originaria y los que vienen de fuera.*¹⁵ (RAMA, 2008, p. 45).

O processo de adaptação na terra americana ocorre sem que a personagem Oribela evite sua transformação. Todavia, isso é um ato ousado porque ela deixa de lado seus costumes e educação, colocando em risco sua tarefa no “Novo Mundo”, a de gerar filhos de pele alva e continuar uma educação cristã, pois, de acordo com Del Priore (1992, p. 15-16),

[...] a importação da metrópole de um discurso moralizador sobre o uso dos corpos, instala-se na Terra de Santa Cruz de par com o desejo de cristianização e difusão da fé católica, bem como a ânsia do sistema mercantil de constituir contingentes populacionais que habitassem novas terras. A ideia de adestrar a sexualidade dentro do ‘tálamo conjugal’ decorre do interesse de fazer da família o eixo irradiador da moral cristã.

Assim sendo, ao adaptar novos hábitos ao seu estilo de vida, a protagonista do romance *Desmundo* (MIRANDA, 1996), a Oribela do Mendo Curvo, coloca, definitivamente, em perigo o ideal esperado e difundido pelo discurso dominante da coroa portuguesa: a de ser uma esposa submissa e sem a possibilidade de questionamentos.

No romance canadense, o processo de adaptação da personagem Laure é mais árduo por conta da questão climática. Ela se vê, em muitos momentos, sozinha nas florestas canadenses, e enfrenta um frio congelante enquanto o esposo, um *courer de bois*¹⁶, a abandona para conseguir peles de animais por meio de uma atividade considerada, parcialmente, ilegal. Segundo o narrador da obra: “*She opens the door and sees that outside the cabin the snow is higher than her waist*”¹⁷ (DESROCHERS, 2013, p. 199) e “*She often dreams that she has frozen to death in her bed*”¹⁸ (DESROCHERS, 2013, p. 203). Logo, observamos que o clima é um fator preocupante, uma vez que isso deixa pouco espaço para o ato de cultivar a terra e progredir financeiramente, bem como abre possibilidades de não se viver por muito tempo no frio congelante. Além disso, a personagem Laure se dá conta de que está sozinha naquela terra e isso a faz compreender a impossibilidade de regressar para a França e da escolha malfeita de seu casamento, pois aquele que deveria ser seu protetor a ignora.

Tanto no processo de adaptação em terras brasileiras como em canadenses, as protagonistas dos romances, Oribela e Laure, são subjugadas pelos seus maridos, mas isso não impede de que elas tentem se rebelar contra as ações das figuras masculinas, representadas pelos seus maridos.

Em *Desmundo* (1996), Oribela, por exemplo, empreende duas tentativas de fuga no intuito de regressar a Portugal. Contudo, o cônjuge, Francisco de Albuquerque, a prende ao pé da cama, limitando o seu espaço físico e, também, o seu espaço público de fala, conforme o excerto: “cala tua boca. Se queres trocar palavras comigo, diz no escuro do ouvido e da chegada.” (MIRANDA, 1996, p. 82). Ele se julga correto no ato de senhorear sua esposa uma vez que, como marido, ela passa a ser sua propriedade devido ao costume da época.

Em *Bride of New France* (2013), o marido escolhido por Laure, Mathurin, mostra-se um homem fraco diante das adversidades do “Novo Mundo”, porque não consegue

desenvolver a propriedade onde sua casa está alocada, produzindo poucos alimentos. Assim, junta-se às outras mulheres nativas da região e imputa traições à esposa. Além da vergonha de ser menosprezada e abandonada por meses, ele lhe havia imposto a fome, conforme lemos no seguinte fragmento: “*A few stringy pieces of deer meat, more rotted than dried, hang beside the fire. Laure chews on these to calm her hungers that has become a screaming rage in her gut.*”¹⁹ (DESROCHERS, 2013, p. 213).

Ao cotejar ambas as representações masculinas, Francisco e Mathurin, observamos, no desencadeamento dos relatos, que o marido de Oribela foi imposto a ela e que a protagonista não teve a oportunidade de escolher alguém, mas Laure teve a possibilidade de selecionar com quem ela desejava casar-se. Todavia, ambas as personagens masculinas se mostraram opressoras e aqueles que deveriam ser protetores para as esposas terminaram agindo como se elas fossem suas propriedades e não como as mulheres responsáveis pela edificação familiar de uma nova nação. Nos romances em estudo, os papéis femininos foram inferiorizados e solapados por aqueles que eram retratados como colonizadores nobres e de grande valor.

As frases das protagonistas, Oribela e Laure, direcionam-nos, igualmente, para uma releitura dos programas de casamento, *Órfãos d’el-rei* e *Les Filles du roi*, cujos principais ideais eram o de desposar colonizadores, gerar filhos dentro do laço matrimonial para popular a terra em desenvolvimento e reproduzir os ideais europeus cristãos. Ao analisar as diegeses, constatamos que essas protagonistas passaram por momentos difíceis nas colônias em desbravamento nas terras brasileiras e canadenses, algo não apresentado pelo discurso historiográfico tradicional, que anunciava em seu discurso apenas as obrigações da figura representada pela mulher.

Ambas as protagonistas geraram filhos, mas esses foram considerados ilegítimos. A personagem Oribela, por exemplo, teve um filho com a personagem Ximeno Dias, retratado como um judeu convertido ao cristianismo no “Novo Mundo”. Essa criança, segundo a narração de Oribela, “*tinha os cabelos vermelhos do mouro, disso se falava em todo o país.*” (MIRANDA, 1996, p. 204). Marcava-se, dessa maneira, a relação extraconjugal daquela que havia sido incumbida de gerar filhos de pele branca e legítimos, dentro de um casamento cristão, com seu esposo e

não de um caso amoroso em que a paixão e o desejo sexual prevaleceram sobre a lei conjugal do matrimônio.

A personagem Laure também foi marcada por sua transgressão matrimonial porque ela, cansada do abandono e descaso do marido, relaciona-se com o nativo Deskaheh, que se mostrava mais presente em seu cotidiano. Em apenas uma noite de amor, ela engravida e dá luz a uma menina chamada Luce, que significa luz em latim. Todavia, essa “luz” torna-se escuridão em sua vida, uma vez que é a comprovação de sua conduta “imoral” para os preceitos da época. Ao fim da narrativa, por escolha própria, ela entrega o bebê ao pai biológico e, como o marido havia morrido congelado num rio canadense, ela busca recomeçar sua vida, escolhendo outro cônjuge e tentando ocultar a marca de seus atos. Consequentemente, a Nova França mostrou-se um ambiente onde o ato de buscar uma nova vida seria possível; e, com a falta de tantas mulheres e a necessidade de gerar filhos, dentro dos preceitos instituídos, ela aprende que seu futuro é ali e que ele está garantido desde que ela cumpra seu papel.

Nesse intento de ressignificar a história tradicional, classificamos os romances que nos propomos a estudar como romances históricos contemporâneos de mediação (FLECK, 2007; 2011; 2017), pois não ocorre neles a exaltação de personagens e eventos históricos, nem degradações cômicas, paródicas ou carnavalizadas de “heróis” consagrados. No entanto, ocorre, sim, uma releitura crítica, permeada por um viés ex-cêntrico, que narra, de maneira linear, os eventos da construção romanesca através de uma linguagem simples. Nessa subjetivação do material histórico, fica demonstrado a importância da presença feminina e de sua perspectiva no “Novo Mundo”, outrora relegada ao esquecimento.

Considerações finais: “um diálogo onde ninguém tem a última palavra” (TODOROV [1982] 1996, p. 246)

Este artigo apresenta, através dos romances *Desmundo* (1996) e *Bride of the New France* (2013), uma releitura crítica dos processos de inserção da mulher branca na América por meio dos programas de casamento *Órfãs d’el-rei* e *Les Filles du roi*, enfatizando os primórdios do passado colonial brasileiro, no século XVI, e do passado canadense, no século XVII, com ênfase na percepção das protagonistas Oribela do Mendo

Curvo e Laure Beauséjour em construções romanescas atuais. Suas perspectivas, a da história “vista de baixo” (SHARPE, 2011), contemplam novas descrições sobre as terras em processo de desbravamento, o encontro com os habitantes nativos do local – momento que elas se confrontam com uma outra cultura –, seus processos de adaptação nas colônias brasileiras e canadenses e o desenrolar de seus matrimônios. Assim, identificamos as histórias que se cruzam no espaço brasileiro e canadense.

Evidenciamos, igualmente, um processo romanesco de ressignificação dos programas de inserção da mulher branca europeia no “Novo Mundo”, o *Órfãs d’el-rei* e o *Les Filles du roi*. Enquanto a historiografia tradicional destacou essas ações como programas de sucesso e com aspectos louváveis, a arte literária evidenciou algumas lacunas não preenchidas pela história, mas que poderiam ter sido representadas dessa maneira como a ficção os revela. Conseqüentemente, a ficção se apresenta mais aberta e envolvente para seu leitor porque ela é capaz de criar um mundo verossímil com muitas possibilidades de leitura.

Esse ato de reconfigurar as temáticas históricas tem se mostrado bastante frutífero com o decorrer dos tempos. A gama de romances híbridos de história e ficção, sejam eles tradicionais, novos romances históricos latino-americanos, metaficcões historiográficas ou romances contemporâneos de mediação, abraçam inúmeras temáticas como a (re)significação da colonização do “Novo Mundo.

A ação de reler uma parte da história significa poder apresentar uma perspectiva diferenciada a partir de ângulos não observados anteriormente, mas que, com certeza, promovem o surgimento de diversos discursos. Trata-se de possíveis momentos vivenciados no passado das colônias que, pela literatura, criam um hipertexto de relações histórico-sociais entre as nações americanas. Dele surgem indagações que nos abrem os olhos para as novas ressignificações de um passado que, pela ficção, torna-se muito mais nosso, pois criamos fissuras no discurso europeu – o único sob o qual o passado da colonização brasileira e canadense foi registrado em seus primórdios.

Ao reler criticamente o passado colonial, o romance histórico – em suas diferentes fases e modalidades – também une nações pelas temáticas que englobam os acontecimentos similares que constituem o passado da América. Entre essas temáticas

que aproximam nações, está a que nos inspira neste texto: os programas de inserção da mulher branca europeia no “Novo Mundo”. Assim, Brasil e Canadá podem dialogar por meio das ressignificações de seu passado pelas escritas híbridas de história e ficção contemporâneas e, assim, ampliar o horizonte de seus cidadãos.

Referências

- AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*, México, n. 240, 1991, p. 82-85.
- ALONSO, Amado. *Ensayo sobre la novela histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 1984.
- ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. *O sexo devoto: normatização e resistência feminina no Império Português – XVI-XVIII*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- BERTONHA, João Fábio. *Os canadenses*. São Paulo: Contexto, 2021.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- COSTA, Afonso. As órfãs da rainha. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 190, jan./mar. 1946, p. 105-111.
- DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- DESROCHERS, Suzanne. *Bride of New France*. New York: Norton & Company, 2013.
- FLECK, Gilmei Francisco. A conquista do "entre-lugar": a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá*, Niterói, n. 23, jul./dez. 2007, p. 149-167.
- FLECK, Gilmei Francisco. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação — leituras no âmbito da poética do descobrimento. In: RAPUCCI, C. A.; CARLOS, A. M. (Orgs.). *Cultura e representação: ensaios*. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011, p. 81-95.
- FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.
- GARCIA, Rodolfo. As órfãs. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 192, jul./set. 1946, p.137-143.
- GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Tradução: Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, [s/d].
- HUTCHEON, Linda. *Narcissistic narrative – the metafictional paradox*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 1980.

- HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo: história teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Alexis. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Ediciones La Casa de Bello, 1996.
- MATA INDURÁIN, Carlos. Retrospectiva de la evolución de la novela histórica. In: SPANG, K.; ARELLANO, I.; MATA INDURÁIN, C. (Orgs.). *La novela histórica: teoría y comentarios*. Pamplona: EUNSA, 1995, p. 13-64.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica da la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, junho/2017, p. 1-18.
- MIRANDA, Ana. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NOBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil: 1549-1560*. (Publicações da Academia Brasileira, II – História, Cartas Jesuíticas I) Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1931.
- RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. 2. ed. Buenos Aires: El Andariego, 2008.
- RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: DEL PRIORI, M. L. M. (Org.). *História das crianças no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 19-54.
- RUNYAN, Aimie Kathleen. *Daughters of the King and Founders of a Nation: Les Filles du Roi in New France*. 2010. Tese (Mestrado em Artes). University of North Texas, Denton, 2010.
- SAMOYVAULT, Thiphaine. *A intertextualidade*. Tradução: Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, S. (Org.). *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 39-64.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ZUG, Marcia. *Buying a Bride: An Engaging History of Mail-Order Matches*. New York: New York University Press, 2016.

Notas

- 1 Doutoranda na área de Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados e Literatura pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7061-4986>; E-mail: bea_uber@hotmail.com; Contribui neste artigo com as “Considerações iniciais: conexões historiográficas e fictícias”; e a análise “*Desmundo* (1996) e *Bride of New France* (2013): ressignificações dos programas de casamento *Órfãs d’el-rei* e *Les Filles du roi*, por meio da literatura brasileira e canadense”.
- 2 Professor associado Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-4228-2566>; E-mail: chicofleck@gmail.com; Contribui neste artigo com as “Considerações finais: “um diálogo onde ninguém tem a última palavra” (TODOROV [1982] 1996, p. 246)” e a revisão textual.
- 3 Para a produção deste artigo foi adotado a edição do original do Diário feita por Consuelo Varela, em *Cristóbal Colón: textos y documentos completos*. Madri: Alianza Editorial, 1982. Walter Mignolo (2017, p. 12) define “o eurocentrismo (como conhecimento imperial cujo ponto de origem foi a Europa) poderia ser encontrado e reproduzido nas colônias e ex-colônias, assim como em locais que não foram diretamente colonizados (rotas de dispersão).”
- 5 Tradução livre: As filhas do rei.
- 6 Tradução livre: Situam sua ação (fictícia, inventada) num passado (real, histórico) mais ou menos distante [e] deve reconstruir, ou ao menos tentar reconstruir a época em que situa sua ação [...]. (MATA INDURÁIN, 1995, p.16).
- 7 Tradução livre: Todo esse elemento histórico é o adjetivo, e que o substantivo é o romance. (MATA INDURÁIN, 1995, p. 18).
- 8 Os estudos e pesquisas do brasileiro Gilmei Francisco Fleck, em relação ao romance histórico, destacam-se, principalmente, pelas publicações:
FLECK, Gilmei Francisco. *A conquista do “entre-lugar”*: a trajetória do romance histórico na América. Gragoatá, Niterói, RJ, n. 23, p.149-167, 2. sem. 2007.
FLECK, Gilmei Francisco. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento. In: RAPPUCI, Cleide Antonia; CARLOS, Ana Maria (Orgs.). *Cultura e representação: ensaios*. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011. p. 81-95.
FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação*: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.
- 9 André Troughé, na obra *América: história e ficção*, (2006, p. 44) propõe o termo “extração histórica” para fazer referência ao “conjunto de narrativas que encetam o diálogo com a história, como forma de produção de saber e como intervenção transgressora [...]”. Esse termo é absorvido pela área literatura e é utilizado para fazer referência aos personagens que são extraídos da área histórica. Assim, figuras históricas também possuem o seu fazer dentro da ficção, que manipula sua imagem e ações conforme lhe convém.
- 10 Tradução livre: Canadá? Bem, que bom que ela morreu então. [...] Horrível. Só porque não sabemos o que fazer com elas aqui não significa que elas merecem ser enviadas para lá para morrerem congeladas na floresta. (DESROCHERS, 2013, p. 32).
- 11 Tradução livre: Eles atacam de surpresa na floresta, escalpelam suas vítimas, e torturam até as mulheres e crianças que eles capturam. (DESROCHERS, 2013, p. 124).
- 12 Tradução livre: Estão desesperados para deixar a colônia. Os homens são impedidos de embarcar pelos guardas do navio, e algumas brigas são ocasionadas. (DESROCHERS, 2013, p. 127).
- 13 Tradução: A Vós, o brilhante exército dos mártires engrandece com louvores! A Vós, Eterno Pai, Deus de imensa majestade. (DESROCHERS, 2013, p. 151). Disponível em: < <http://www.catolicoorante.com.br/oracao.php?id=113>> Acesso em: 22 jul. 2021.
- 14 Tradução livre: Os homens franceses preferem as meninas selvagens que as suas próprias mulheres. Essas meninas entregam seus corpos livremente e não esperam nada em troca. (DESROCHERS, 2013, p. 231).
- 15 Tradução livre: Implica, em primeira instância, numa "parcial desculturação" que pode chegar a diversos níveis e afetar variadas áreas, tanto da cultura como do fazer literário, ainda que acarretando sempre em perda de componentes considerados obsoletos. Em segunda instância, implica em incorporações procedentes da cultura externa e, em terceira instância, num esforço de recomposição, administrando os elementos sobreviventes da cultura originária e aqueles que vêm de fora. (RAMA, 2008, p. 45).

- ¹⁶ Eram homens itinerantes que viviam do comércio não licenciado de trocas de peles. De alguma forma eram considerados fora-da-lei porque, nos primórdios da colonização canadense, eles não tinham a permissão das autoridades coloniais para essa forma de negócios. Todavia, eles foram essenciais ao estabelecer contato com os povos nativos. Disponível em: < <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/coueurs-de-bois>> Acesso em: 10 ago. 2021.
- ¹⁷ Tradução livre: Ela abre a porta e vê que lá fora da cabana a neve está mais alta que a sua cintura. (DESROCHERS, 2013, p. 199).
- ¹⁸ Tradução livre: Ela sonha, frequentemente, que ela congelou até morrer em sua cama. (DESROCHERS, 2013, p. 203).
- ¹⁹ Tradução livre: Poucos pedaços de carne pegajosa de veado, mais podre que seca, ficam pendurados ao lado do fogo. Laure mastiga esses para acalmar a fome que tem se tornado um grito de raiva dentro de seu